



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13594 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

A PROFESSORA E PESQUISADORA DE BOTÂNICA GRAZIELA MACIEL BARROSO (1912-2003) NA IMPRENSA ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 E 2000: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO

Júlia Fialho Soares - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A PROFESSORA E PESQUISADORA DE BOTÂNICA GRAZIELA MACIEL BARROSO (1912-2003) NA IMPRENSA ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 E 2000: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO

Resumo: Este trabalho tem como objetivo mapear, a partir de uma perspectiva de gênero, o que/como se falava sobre a professora e pesquisadora de Botânica Graziela Maciel Barroso em sete matérias e notas publicadas em jornais e revistas entre as décadas de 1970 e 2000, cujas fotografias digitalizadas estão catalogadas no Arquivo Graziela Maciel Barroso. Utilizamos, para isso, as contribuições de Roger Chartier (2009) sobre representações, e levamos em conta que as categorias ‘mulheres,’ ‘gênero’ e ‘sexo’ são culturalmente construídas, conforme propõe Joan Scott (2021). Constatamos que esses materiais foram importantes para tornar Graziela e sua trajetória conhecidas, ressaltando seu protagonismo enquanto mulher em um ambiente acadêmico-científico. Mas isso foi feito, na maioria das vezes, a partir de abordagens patriarcais. O estudo auxilia a compreender, portanto, como as mulheres e os contextos a elas relacionados eram e são representados na/pela sociedade, principalmente no âmbito educacional.

Palavras-chave: Mulheres na Educação, Mulheres e Educação Superior, Mulheres Cientistas, Pesquisa documental, Representações de mulheres.

INTRODUÇÃO

Pesquisar a História da Educação a partir da História das mulheres tem se tornado uma prática cada vez mais comum e valorizada, pois contribui para romper com a invisibilização, evidenciada por Michelle Perrot (2007), que a história e a historiografia tradicionais perpetraram às mulheres e às fontes documentais que possibilitam investigá-las. A pesquisa de Doutorado relacionada a esse trabalho encaixa-se nessa perspectiva, tendo o propósito de investigar e narrar a trajetória profissional de Graziela Maciel Barroso (1912-2003), pesquisadora e professora de Botânica. Para isso, utiliza fontes provenientes de um acervo privado pessoal, denominado *Arquivo Graziela Maciel Barroso (AGMB)* e depositado no Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ).

Fazem parte da série *Documentos Impressos* desse acervo, fotografias digitalizadas de matérias e notas associadas à Graziela, publicadas em jornais e revistas entre as décadas de 1970 e 2000, cujo acesso fora do AGMB é limitado ou inviável. Conforme destaca Tânia De Luca (2008), os impressos são considerados, no Brasil, como importantes fontes de pesquisa desde a década de 1970, dada a riqueza de informações acessadas através deles. Neste trabalho, mapeamos, a partir de uma perspectiva de gênero, o que/como se falava sobre essa professora e pesquisadora nessas matérias e notas. Esse estudo, já concluído, auxiliou a pensar pesquisa de Doutorado e, por isso, é aqui apresentado.

METODOLOGIA

Analisamos 21 matérias e notas associadas à Graziela Maciel Barroso, cujas fotografias digitalizadas encontram-se disponíveis no ambiente virtual do AGMB¹. Aqui, apresentamos análises sobre sete delas, publicadas em jornais e revistas de circulação ampla ou restrita e voltados para diferentes públicos. Para interpretar o material, nos pautamos na contribuição de Roger Chartier sobre representações, que as considera, sendo “(individuais ou coletivas, puramente mentais, textuais ou iconográficas) não como simples reflexos verdadeiros ou falsos da realidade, mas como entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social” (2009, p. 7). Nessa concepção, os impressos expressam as intencionalidades de quem os escreveu e os contextos históricos sobre/nos quais foram escritos, mas também podem ser lidos de diferentes maneiras por diferentes atores sociais, tensão esta que possibilita a construção de múltiplos sentidos. Além disso, a análise é pautada na noção de que as categorias ‘gênero’, ‘sexo’ e ‘mulheres’ são culturalmente construídas, conforme enfatiza Joan Scott (2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todas as matérias e notas destacam o acúmulo de experiência e conhecimento profissionais de Graziela na Botânica, sendo recorrente a menção a cargos que ocupou, assim como a homenagens que recebeu e à sua contribuição como professora e orientadora. Entretanto, interpretamos que a maioria apresenta essas informações a partir de abordagens de gênero, tanto de modo intencional quanto não.

A nota publicada em 1971 no Jornal O Globo, intitulada “Tarde de ternura no Jardim Botânico” menciona que Graziela orienta muitos estudantes, a “esmagadora maioria de mulheres – viva o *Women’s Lib*”. Mas ainda que valorize esse aspecto, o qual, a propósito, foi citado em poucas reportagens, usa a palavra ‘ternura’ já no título para descrever o encontro com a professora, remetendo a uma dentre tantas características que, conforme Carla Pinsky (2013a), ainda eram entendidas como inerentes ou adequadas às mulheres. O mesmo ocorre em outras reportagens, nas quais quem escreve atribui a ela características relacionadas a cuidado, sensibilidade, maternidade e humildade. Neste exemplo da matéria “Graziela Barroso, missão botânica”, publicada no Jornal do Brasil em 1980, consta “Mas é pequena, calma, modesta a figura que se curva sobre a máquina de escrever”; e, na matéria publicada em 2002 na Revista ReDescobrir, é dito que Graziela é “Uma mulher de vida cheia de lutas e conquistas, que contrastam com sua sutileza e humildade” e que “[...] apesar de toda a qualificação, destaca-se pela humildade”. Ainda que a botânica possa ter apresentado tais características, a abordagem dá a ideia de que elas merecem mais destaque do que suas contribuições intelectuais ou de que essas contribuições só merecem destaque porque Graziela tinha essas características. Isso demonstra que essa prática, mais intensa e explícita em anos anteriores (PINSKY, 2013a), permanecia reforçando papéis e estereótipos de gênero e, desse modo, chancelando a estrutura patriarcal da sociedade, a qual é evidenciada por Gerda Lerner (2019).

Diminuir, distorcer, deslegitimar ou estereotipar o saber de mulheres, mesmo quando se tem a pretensão de mostrá-los, é uma atitude recorrente na história (PERROT, 2007). Uma reportagem do Jornal Folha do Meio Ambiente, de 1995, nos revelou a naturalização dessa prática, a qual permite que possa não ser percebida. Publicada quando Graziela já era Doutora, não menciona o Doutorado de forma explícita ao narrar sua trajetória. Todavia, chama-a de Doutora uma única vez, em meio a uma série de adjetivos – “Forte, amiga, corajosa, persistente, pioneira, solidária, dedicada, amorosa, doutora, valente, semeadora de ideais” – que obliteram essa conquista, fazendo-nos questionar se se refere, de fato, ao título. Por outro lado, cita dois homens que trabalharam com a pesquisadora, colocando junto de seus nomes “Dr.”. Ou seja, as conquistas dela são mostradas, mas a partir da ótica patriarcal

que situa as mulheres como inferiores e submissas aos homens (LERNER, 2019). Nessa mesma reportagem, ao escrever que “Tal qual sua conterrânea Luiza Brunet, musa e símbolo maior da beleza feminina, Graziela Maciel Barroso é a própria flor”, o articulista usa de um discurso que objetifica o corpo de mulheres, o qual aparece em mais impressos, desviando o foco do trabalho intelectual de Graziela e reforçando a noção amplamente documentada (PERROT, 2007) de que as mulheres necessitam se encaixar em padrões estéticos para ser aceitas.

A matéria “Desbravadores da Ciência”, publicada na Revista Época em 2001, permitiu comparar a abordagem da trajetória e dos conhecimentos da professora e pesquisadora e de mais três cientistas, todos homens. Aqui mostramos as diferenças percebidas nas fotografias. A matéria trata apenas de cientistas com mais de 75 anos, portanto aposentados, mas que seguem trabalhando. Graziela é a única mulher. Sua foto, na qual ela aparece sentada escorada em uma árvore (que simboliza sua área de atuação), foi tirada de baixo, dando a impressão de que ela é pequena em comparação à árvore, que já seria grande fora desse ângulo. Já o cientista retratado na página ao lado, que trabalha com geologia, foi fotografado estando em cima do que parece ser um pico, uma montanha; e como a foto também foi tirada de baixo, dá a impressão de que ele superou a montanha, de que chegou no topo dela. Nas páginas seguintes, há dois cientistas, e ambos são retratados no centro de seus escritórios. Ou seja, Graziela foi retratada como pequena e humilde apesar de sua experiência, enquanto um cientista foi retratado em sua grandiosidade, e os outros dois, em um local que, durante muito tempo, só homens puderam ocupar. Essas representações evidenciam, portanto, os estereótipos associados a cientistas (REZNIK *et al.*, 2017): predominantemente do cientista como sendo homem, além de branco, de idade avançada e com carreira de sucesso; ou menos raramente relacionado às mulheres, exaltando as características já discutidas nesse trabalho (e implicitamente criticando a ausência delas).

O modo como as reportagens contam como a cientista começou a estudar botânica e atuar profissionalmente também tem marcas de gênero. Na matéria “Graziela, a musa dos ecologistas”, publicada em 1989 no Jornal O Globo Zona Oeste, consta que “Sempre seguindo os conselhos do marido, Graziela decidiu retornar ao Rio, já no fim da década de 30, para cuidar de seus interesses, afinal, os filhos já estavam crescidos”, que “[...] passou a conhecer um pouco mais da profissão do marido, estudando botânica junto com ele” e que “[...] trabalhou no Jardim Botânico durante 40 anos. Isso mesmo depois da morte do marido”. A própria pesquisadora e professora citou, várias vezes, a influência que seu esposo havia tido para que ela entrasse na Botânica e, também, o fato de ter sido educada para ser esposa, dona-de-casa e mãe, algo que, segundo Pinsky (2013a), era comum e incentivado na primeira

metade do século XX. Mas, tanto essa matéria quanto outras dão mais atenção a esses contextos do que a todo o restante de sua trajetória e do que ela construiu com autonomia. Além de dar a ideia de que Graziela apenas deu seguimento ao que o esposo fazia e de que fez tudo em função dele, conta que ela seguiu sua carreira depois de ter criado os filhos dando a entender que essa é a única possibilidade aceitável. Isso expressa a noção de que mulheres só podem buscar satisfazer suas próprias vontades, inclusive as profissionais, se cumpriram esses papéis a elas impostos e, mais do que isso, que mulheres que não fazem dessa maneira, não desempenham bem nenhuma das atividades a que se dedicam.

Algumas matérias enfatizaram o apelido de “Primeira-dama da Botânica” que Graziela recebeu de um colega cientista, provavelmente atribuído em referência ao seu pioneirismo como mulher botânica. Entretanto, é preciso considerar, sem menosprezar sua contribuição, que ela não foi a primeira botânica brasileira, mas a primeira mulher naturalista concursada do JBRJ, conduzindo pesquisas de botânica e protagonizando vários avanços na área. E independente disso, o apelido tem uma conotação de gênero que remete à naturalização do papel de esposa, sendo importante problematizá-lo. Raras foram as reportagens que evidenciaram a imposição desses e de outros papéis e estereótipos como negativa. Um exemplo é a matéria “Pioneira na área da Botânica”, publicada no Jornal O Globo em 2001, que narra momentos importantes da trajetória de Graziela, destacando seu protagonismo como mulher, os preconceitos de cunho machista que sofreu e a sua contribuição na formação de pessoal, especialmente de mulheres, mas sem rotulá-la.

Todas essas representações de gênero devem ser lidas de acordo com o tempo em que foram produzidas. Nas décadas anteriores, as mulheres eram representadas de modo mais rígido, normalmente associado ao ambiente privado, inclusive porque ocupavam ainda menos o espaço público. Já Graziela foi midiaticizada em um momento designado por Pinsky (2013b) como de transição, ou seja, de tensão entre a conquista de direitos e as tentativas de manter a estrutura patriarcal antes mais intensa. É em função disso que estão representadas nos impressos analisados tanto perspectivas patriarcais quanto superações delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigando o que/como se falava sobre Graziela Maciel Barroso em impressos publicados entre as décadas de 1970 e 2000, concluímos que foram importantes para que essa professora e pesquisadora fosse conhecida e tivesse seu trabalho valorizado em seu meio de atuação e além dele. Também contribuíram para ressaltar seu protagonismo enquanto mulher em um ambiente acadêmico-científico, mas isso foi feito, na maioria das vezes, a partir de abordagens de gênero patriarcais, ou seja, reforçando imposições de papéis e estereótipos de

gênero associados às mulheres e, nesse caso, às mulheres professoras e pesquisadoras.

Com esse estudo, esperamos contribuir para a compreensão de como as mulheres e os contextos a elas relacionados eram e são representados na/pela sociedade, principalmente quando ocupam espaços e cargos nos quais historicamente preponderava a presença de homens. Esse é o caso de Graziela, que conquistou o título de Doutora e atuou como pesquisadora e como professora, especialmente em Pós-Graduações, em um momento de transição, no qual as mulheres começavam a empoderar-se para (re)existir e fazer valer seu direito ao saber.

Nota:

1 O AGMB pode ser acessado através do endereço eletrônico <https://agmb.jbrj.gov.br/pesquisa.php>.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.
- DE LUCA, T. R. Fontes impressas - História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PINSKY, C. B. Imagens e representações I - A era dos modelos rígidos. *In*: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013a.
- PINSKY, C. B. Imagens e Representações II - A era dos modelos flexíveis. *Em*: PINSKY, C. B.; C. B. (org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013b.
- REZNIK, G. *et al.* Como adolescentes apreendem a ciência e a profissão de cientista? **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 829–855, 2017.
- SCOTT, J. W. Gênero: ainda é uma categoria útil de análise. **albuquerque: revista de história**, [s. l.], v. 13, n. 26, p. 177–186, 2021. Disponível em: <https://curt.link/F2b3BU>. Acesso em: 18 mar. 2023.

Fontes impressas:

- Folha do Meio Ambiente*, 11 de novembro de 1995. Acervo do AGMB.
- Jornal do Brasil*, 29 de novembro de 1980. Acervo do AGMB.
- O Globo*, 02 de setembro de 1971. Acervo do AGMB.
- O Globo*, 08 de março de 2001. Acervo do AGMB.

O Globo Zona Oeste, 16 de julho de 1989. Acervo do AGMB.

Época, 11 de junho de 2001. Acervo do AGMB.

ReDescobrir, julho de 2002. Acervo do AGMB.